

BAKTHIN: PLURILINGUISMO E ROMANCE ROMANESCO EM OS SUBTERRÂNEOS DA LIBERDADE

BAKTHIN: PLURILINGUIISM AND ROMANESC NOVEL IN THE BOOK OS SUBTERRÂNEOS DA LIBERDADE

Maria Marciária Martins Bezerra¹

Resumo: Encontram-se, neste artigo, reflexões que focalizam a teoria de Bakhtin sobre o plurilinguismo e o romance romanesco em *Os subterrâneos da liberdade* de Jorge Amado, e os laços históricos e conceituais que ligam os universos da História e da Literatura, seja para encontrar o que há de literário na escritura histórica, seja para investigar historicamente, na literatura, novas possibilidades de pensar a vida social e política de uma sociedade em um determinado tempo.

Palavras-chave: História. Literatura. Plurilinguismo. Romance romanesco.

Abstract: In this article, reflections about the theory of Bakhtin on the plurilinguism and the romanesc novel will be made in Jorge Amado's book "Os subterrâneos da liberdade". And also reflections about the historical and conceptual aspects that bind the universes of History and Literature, either to find what it has of literary in the historical writing, either to investigate historically, in literature, new possibilities to think the social life and politics of a society at a specific time.

Key words: History. Literature. Plurilinguism. Romanesc novel.

1 Início de conversa: convite para receber o leitor

Trataremos aqui de buscar o percurso fluido e multifacetado da Literatura para um diálogo com a História. É comum distinguir a história da literatura com base em que a história é um construto ideológico, enquanto a literatura é um produto artístico destinado a agradar e a comover. É verdade que o historiador não pode criar seus fatos, ao passo que o escritor "literário" pode e, por isso goza de maior liberdade para explorar narrativas. "Nesse sentido, enquanto a

¹ Mestre em História Social pela Universidade de Brasília e professora na Universidade Estadual de Goiás, na Unidade de Inhumas.

historiografia procura o ser das estruturas sociais, a literatura fornece uma expectativa do seu vir-a-ser” (SEVCENKO, 1999, p. 20).

Essas argumentações são para apresentar ao leitor a obra *Os subterrâneos da liberdade*, do escritor Jorge Amado. O enredo da narrativa são os inícios do Estado Novo (1937-1940). A ação espacial se concentra principalmente em São Paulo, centro industrial em desenvolvimento e, portanto, aglutinador da classe operária. O romancista busca desvendar o lado nauseante da burguesia, ao mesmo tempo em que narra a resistência subterrânea dos comunistas em luta contra o Estado Novo.

A obra contém narrativas que mostram personagens no campo, mais precisamente no pantanal mato-grossense. Nessa região o foco da narrativa é o Vale do Rio Salgado, rico em manganês e objeto de cobiça dos americanos. Aí, o escritor faz nascer as primeiras guerrilhas camponesas, tendo à frente Zé Gonçalo (o Gonçalo) que teve importante atuação local, após liderar a legendária revolta dos índios pataxós, na Bahia:

Jorge Amado informa que a personagem foi inspirada num amigo de compleição gigantesca, chamado Martins, ou Martinzão, mestiço que comandou os índios do posto de Paraguaçu contra os invasores de terra, no interior da Bahia, durante os anos trinta (LUCAS, 1997, n. 3, p.116).

O Rio de Janeiro é apresentado timidamente pelo escritor apenas como centro das decisões políticas do país. É pouco evidenciado na obra. Claro que o propósito do romancista foi construir, ao lado de São Paulo, a ambientalização histórica necessária para sua narrativa literária.

Os subterrâneos da liberdade é uma obra composta de três volumes – *Os ásperos tempos*, *Agonia da noite*, *Luz no túnel* – e constitui-se em uma narrativa em que o escritor se utiliza da história para a construção do romance em que mostra-se o processo de hipertrofia política das massas no confronto com os donos do poder.

Em *Os subterrâneos*, Jorge Amado revelou-se antitético ao regime autoritário de Vargas. O escritor a partir de então empreende uma obra de envergadura estreitamente sectarista, dogmática. Fruto das perseguições políticas que sofreu e de seu envolvimento partidário com a ideologia comunista. *Os subterrâneos* representou, digamos, o supra-sumo do romance realista em que a narrativa literária é assinalada no momento em que a classe operária, guiada pela ideologia comunista, resiste à espoliação e opressão capitalista. Para Benoit Denis (2002), os escritores da resistência, perseguidos, torturados e deportados, impregnam a partir dessas

situações vividas a representação do escritor engajado, porque elas permitem apreciar o valor do engajamento pelo metro do perigo efetivamente enfrentado. A literatura torna-se literalmente um ato e realiza o desejo de participação efetiva que procura o escritor engajado. Também seus textos são frequentemente permeados por essa visão, entre estoicismo e tragédia, do papel que ele se atribui: “a literatura é de alguma forma a contrapartida do trabalho de ascese que ele realiza em si mesmo” (DENIS, 2001, p. 50).

Amado em *Os subterrâneos* mostra que no vai-e-vem entre a pessoa do escritor e a sua obra, entre o avanço do autor e a utilização dos recursos e das sedução que oferece a literatura, é possível construir algo acerca do passado, e não apenas relatar o passado. Ainda interpretando Benoit, é lícito falar que, como consequência, a literatura engajada move-se num espaço incerto e ambíguo, mas extraordinariamente rico: o “lugar” do engajamento se representa no cruzamento do *testemunho*, que constitui dele o “grau zero”, e da *ficção*, que é da literatura engajada a modalidade a mais alta e possivelmente a mais autêntica. O testemunho, porque ele realiza plenamente o acordo entre obra e uma vida. A ficção, porque o escritor engajado transpõe com uma intensidade variável os fatos que ele entende relatar, submetendo-os à reelaboração que, paradoxalmente, é a única que pode fazê-los significar plenamente.

Assim, pensamos que Jorge Amado deixou em *Os subterrâneos* a marca digital do seu engajamento partidário, preocupando-se única e exclusivamente com seu testemunho histórico: de um homem que participou efetivamente de um período frenético da história do Brasil.

Partimos agora para uma breve apresentação dos três volumes – *Os ásperos tempos*, *Agonia da noite e Luz no túnel*.

Os ásperos tempos abre a trilogia narrando os difíceis momentos políticos do mês de outubro do ano de 1937. Há uma rede de diferentes ideologias políticas que desejam o poder - liberais, comunistas e fascistas. Os comunistas são colocados como mártires da história. Para eles, só é possível chegar a uma sociedade democrática tendo à frente representantes “fiéis” às massas. Portanto, existe na obra a cada capítulo um redentorismo em torno da figura do PCB:

Chovera no princípio da noite e o automóvel atravessava uma cidade molhada e semideserta nas ruas silenciosas do bairro elegante. Através dos vidros, Artur enxergava os postes elétricos derramando uma luz baça sobre gotas d’água no passeio, dando-lhes um brilho de pedra preciosa. À proporção que avançavam para o centro da cidade o movimento aumentava e a marcha se fazia lenta. Uma longa fila de autos atulhava o viaduto do Anhangabaú, dirigindo-se ao Teatro Municipal. Enquanto esperava o descongestionamento do trânsito, Artur leu,

quase soletrando através dos cristais úmidos, a inscrição em piche que mãos desconhecidas haviam traçado sobre os sólidos muros do edifício monumental da *Light & Power*, o monopólio americano da energia elétrica:

ABAIXO O IMPERIALISMO IANQUE!

VIVA O P.C.B. (AMADO, 2000, v. 1, p. 2, grifos do autor).

O romance trata desde o início da oposição ao imperialismo norte-americano, e das pretensões do PC em capitanear o processo de derrubada do poder vigente que estava atrelado aos capitais americanos.

Apesar de toda a movimentação entre os militantes de esquerda e os intelectuais orgânicos, a ditadura foi instalada. O Estado Novo passa a ser o grande vilão dos comunistas. As figuras de Stalin e Luiz Carlos Prestes são mitificadas, colocadas no panteão dos grandes heróis.

Ocorre no primeiro volume uma ambientalização que mostra as duas diferentes esferas da sociedade brasileira: de um lado, encontram-se os salões luxuosos da elite paulista, onde se mostram as traições amorosas, as artimanhas políticas, o oportunismo, os negócios sórdidos; do outro, a vida da gente simples dos bairros operários, a labuta do sertanejo frente à exploração camponesa, a fome, a miséria, as demissões, enfim as tristezas e decepções de um governo que oprime e reprime sua gente.

É em torno do banqueiro Costa Vale que gravitam todos da alta sociedade paulista: homem poderoso, dono da palavra e das decisões, mantinha estreita ligação com o governo e governistas. Junto a ele duas personagens que demonstram bem essas relações políticas: o deputado Artur Carneiro Macedo da Rocha e o senador Venâncio Florival, este detentor de extenso latifúndio no Pantanal Mato-grossense. Para engrossar suas “amizades”, a figura da Comendadora da Torre exibe seu alargamento relacional com a Europa. Getúlio aparece ao lado de Costa Vale expressando uma relação amistosa, ligando poder econômico (SP) ao poder político (RJ). Pelo lado americano suas relações foram mostradas na figura de John B. Carlton, representante dos capitais norte-americanos na Empresa do Vale do Rio Salgado:

Subterrâneos destaca a força política do banqueiro e faz de sua casa o verdadeiro centro das decisões: ali se demitem e nomeiam ministros, abortam-se conspirações, tramam-se grandes negócios, dão-se ordens até à polícia. Vargas é eclipsado por Costa Vale, as articulações de bastidores expõem a dependência do ditador frente à burguesia e às potências estrangeiras. O banqueiro aparece como o grande “patrão”, tendo ao seu redor verdadeira corte de políticos, jornalistas, altos funcionários e oportunistas como o poeta César Guilherme Shopel (que faz uma caricatura meio maldosa de Augusto Frederico Schmidt).

Costa Vale acumula pessoas como quem amalha cruzeiros e compra a lealdade destas usando os mais variados artifícios. A esposa Marieta, a amiga Comendadora, o deputado Artur, o senador Venâncio Florival todos fazem parte do patrimônio do banqueiro, que os utiliza de acordo com as suas conveniências. No campo político, suas relações comerciais vão da embaixada americana aos liberais “armandistas”, dos homens de Getúlio aos de Plínio Salgado (DUARTE, 1996, p. 213).

Em oposição a esse cenário, tem-se a luta dos líderes comunistas contrapondo-se ao Estado Novo: Ruivo, João, Zé Pedro, Carlos, Mariana são os líderes do comunismo em São Paulo, junto a eles uma leva de trabalhadores revoltados com a situação de exploração, daí os protestos, as greves, a luta armada, a resistência à tortura. Assim, o universo do trabalhador é mostrado por meio de seus líderes, que são comunistas, construídos a partir de imagens grandiosas, e que tudo suportam. Os dirigentes voltam-se para o coletivo, planejam estratégias, impelem à ação, pensam sempre no plural:

Mariana aproveitou-se da interrupção para falar:

- A senhora disse para gente vir falar com a senhora e nós estamos aqui para isso...
- O que ainda – a voz da comendadora perdera o tom maternal, era desconfiada e dura.
- Há companheiros que ainda estão presos...
- Esses são comunistas. É bom que eles aprendam...
- Então a greve continua.
- [...]
- As condições para a volta ao trabalho foram o aumento do salário e a reintegração de todos os operários demitidos. Os que estão presos também.
- [...]
- Os companheiros estão presos porque lutaram por nós. Nós devemos ser solidárias com eles. Mesmo que seja passando fome... (AMADO, 2000, v. 1, p. 55-56).

Em *Os ásperos tempos* o jornal teve função importante. Os jornais *Classe Operária* (comunista) e *A Notícia* (governista) serviram para veicular por meio da palavra escrita seus ideais, até que o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), viesse a imprimir uma orientação fortemente autoritária à atividade editorial do país. Isso valia para os jornais que faziam oposição ao governo. Na obra, essa oposição foi feita pela *Classe Operária*:

A Notícia alcançara uma venda excepcional, esgotando a edição, no dia seguinte ao da visita do ditador. Uma única grande fotografia, no centro da primeira página, ilustrava o noticiário da rápida estada de Vargas em São Paulo,

noticiário em termos tão calorosos quanto o dos outros jornais, controlado como os demais pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (AMADO, 2000, v. 1, p. 310).

Lembremos que o jornal é um veículo de informação que esconde em seu interior a idéia de poder. Poder expresso em sua linguagem e discurso. A busca da “verdade” que os representantes dos jornais insistem em pregar, não existe. O que existe é o poder dos intelectuais dos periódicos em determinar a “verdade”, segundo seus interesses e visão de mundo. Assim, tanto *Classe Operária* quanto *A Notícia* estiveram a serviço de uma ideologia, na obra amadiana.

O volume 1 se fecha com a figura grandiosa de Gonçalo em meio ao Pantanal Matogrossense:

O ronco do jaguar cortava a noite, acordava os macacos em gritos amedrontados. Gonçalo se levanta, seu talhe gigantesco parecia feito à medida da floresta virgem.

- Companheiro, você vai ter uma idéia do que vale essa caboclada quando chegar a hora do barulho por aqui. Volte descansado, deixe os gringos por nossa conta. Vou levantar até as onças e as cobras contra eles... Para ensinar que o povo brasileiro não são esses vendidos do governo. Que essa terra é da gente...

Fazia um gesto amplo com os braços como para proteger a floresta e o rio, os minérios adormecidos sob a terra, os animais na selva, os caboclos em suas choupanas primitivas (AMADO, 2000, v.1, p.349-350).

A reação antiimperialista é evidente. Isso mostra que alguns temas dispersos na trilogia ainda permanecem atuais: o latifúndio, a violência policial, a luta dos sem-terras, a passividade dos donos do poder diante das contradições sociais, dentre outros.

Agonia da noite constitui o segundo volume da trilogia e começa com a descrição de um negro e uma negra caracterizando, por sua vez, a dinâmica étnico-cultural na literatura amadiana. Pois, no conjunto da obra, Amado trabalha com personagens que representam várias etnias: negro, mulato, branco (italiano, alemão, espanhol e português), russo e turco. Assim, o escritor busca homogeneizar as diversas etnias, formando um só povo, com um só ideal. A figura do alemão não foi enfocada por Jorge entre seus personagens do “bem”. Isso, portanto, não significa que o autor nutria um preconceito racial pelos alemães ou teuto-brasileiros. Basta lembrar que a trilogia foi dedicada com amizade a Anna Seghers, escritora alemã.

Vejamos como Jorge Amado começa:

Ia o negro Doroteu, com sua Negra Inácia, pela beira do cais. Era o cais de Santos, os armazéns das docas a se perderem de vista, repletos de sacos de café, de cachos de bananas, de fardos de algodão. Trilhos, automóveis, geladeiras, rádios, máquinas estranhas, conservas e frutas desciam nos guindastes, trazidos do bojo profundo dos porões escuros dos negros cargueiros ancorados no porto (AMADO, 2001, v. 2, p. 1).

Daí em diante a trama gira em torno da greve no Porto de Santos (maior porto exportador da América Latina, à época). Para o governo de Getúlio Vargas, essa situação era uma afronta. Os grevistas se recusavam a carregar navio alemão de café para a Espanha de Franco. Historicamente, é bom lembrar que na década de 30 a Alemanha foi um importante parceiro comercial do Brasil:

Apesar da oposição norte-americana, que chegou ao nível de ameaçar a imposição de um bloqueio unilateral das divisas geradas pela exportação de produtos brasileiros para os EUA, um acordo teuto-brasileiro foi assinado em fins de 1934, estabelecendo o comércio de compensação como forma básica para o intercâmbio de mercadorias entre os dois países e fixando quotas para a importação alemã de alguns produtos. Esta última cláusula devia-se ao interesse brasileiro em assegurar a manutenção de uma proporção fixa, entre importações alemãs de café e de algodão (ABREU, 1986, v. 11, p. 24-25).

Nesse jogo político-econômico, Getúlio Vargas fez o que se pode considerar a defesa estratégica do acordo com a Alemanha; tratava-se de não perder o mercado alemão, que absorvia os produtos brasileiros que não eram exportados para os EUA e eram produzidos em regiões politicamente importantes, como o Nordeste e o Rio Grande do Sul.

Essa situação de interesse comercial com a Alemanha permitiu a Jorge Amado criar em torno dos estivadores do Porto de Santos uma greve que marcaria as primeiras manifestações operárias de luta contra o Estado Novo:

O negro Doroteu guardou no bolso a sua gaita de boca, tomou o braço de sua negra Inácia, saiu andando, tinha agora o que fazer, a noite já não era disponível, a festa terminara, fazia-se necessário agir. Naquela noite, Oswaldo, o secretário da célula da estiva, não estava trabalhando. Voltara para sua casa após o turno do dia, certamente já dormira, cansado das longas horas de carga e descarga sob o sol como fogo. Era preciso ir acordá-lo, dizer-lhe que o barco chegara, que com ele chegara a hora de desencadear a greve. O pessoal estava disposto, era preciso reunir o sindicato (AMADO, 2001, v. 2, p. 10).

Na obra, desde o início da greve a ação policial é violenta, tanto na figura de Barros, quanto na de Filinto Muller:

A luta com a polícia começou antes mesmo da greve se iniciar, durante a reunião do sindicato.

[...]

Naquele sindicato da estiva e das docas de Santos, a polícia e os agentes do Ministério do Trabalho não tinham conseguido ainda, apesar dos esforços desesperados nesse sentido, apoderar-se da direção. Agentes ministeriais e policiais rondavam em torno, metiam-se nas reuniões, procuravam dividir os homens mas até então nenhum sucesso coroara suas intrigas e ameaças. Os comunistas e seus simpatizantes continuavam na direção do sindicato, e essa era outra das razões por que chamavam a Santos de *porto vermelho*. A delegacia de Ordem Política e Social de São Paulo dedicava uma parte do seu fichário aos estivadores e doqueiros de Santos. Relações de biografias enchiam os arquivos, sobre muitos nomes estava escrito um adjetivo: perigoso (AMADO, 2001, v. 2, p. 11-12).

Agonia da noite termina com intensas perseguições e conspirações aos comunistas. Verdadeiras táticas militares são postas em prática, inclusive no campo.

O terceiro e último volume, *A luz no túnel* – mais volumoso que os outros -, leva o leitor a indignar-se frente à repressão policial contra os comunistas. O partido adquire estatuto de mártir do povo brasileiro. Seus líderes suportando a tudo, cumprem a missão de propagar a ideologia comunista. Esses líderes se transformam em grandes heróis. Alvos das crueldades da polícia, da barbárie do delegado Barros, as lideranças esquerdistas quando não morriam, tornavam-se vítimas da loucura. Aqueles que resistiam nas prisões esperavam resignados uma “luz no túnel”.

Para Elizabeth Cancelli (1994, p. 79-80), “dentre todos os inimigos construídos pelo Estado, os comunistas foram os que mais impulsionaram a ação da polícia, mais justificaram sua existência e mais fortemente serviram à associação mítica coletiva da sua ideologia com obra do demônio”. Assim, os comunistas e simpatizantes seriam os alvos principais, não os únicos, da investida policial, quando se referia ao combate ideológico e social do comunismo.

A “caça” aos comunistas manteve-se durante todo o período do governo Vargas, mas teve um impulso maior entre 1930 e 1937, e depois de 1943, com uma significativa intensidade de 1935 a 1937 – ou seja, entre a tentativa de golpe dos comunistas e o Estado Novo.

A trilogia finaliza com o julgamento de Luiz Carlos Prestes e sua condenação na manhã de sete de novembro de 1940, no Rio de Janeiro:

[...] Mariana sente-se arrastada por aquela voz, é a voz vitoriosa do Partido sobre a reação e o terror:

Eu quero aproveitar a ocasião que me oferecem de falar ao povo brasileiro para render homenagem hoje a uma das maiores datas de toda a história, ao vigésimo terceiro aniversário da grande Revolução Russa que libertou um povo da tirania.

[...]

O Juiz grita, quase histérico, retirando-lhe a palavra. Os soldados da polícia especial, os investigadores, atiram-se sobre ele, tentam arrastá-lo da sala. Mariana enxerga a massa de policiais conduzindo o prisioneiro à força. Uma certa balbúrdia estabelece-se, os espectadores empurram-se para ver melhor, sob as ameaças dos policiais.

[...]

Por um instante, subitamente, Prestes liberta-se dos policiais, volta-se para o povo, abre a boca para falar. Mas novamente atiram-se sobre ele, Mariana não resiste mais e grita:

- Viva Luiz Carlos Prestes! (AMADO, 2001, v. 3, p. 435-436).

2 Bakhtin e o Plurilinguismo em Os subterrâneos da liberdade

“A Literatura é, e não pode ser outra coisa, senão uma espécie de extensão e de aplicação de certas propriedades da Linguagem”. Essa frase tomada de empréstimo de Valéry (TODOROV, 1979, p. 53), possibilita-nos dar início à discussão acerca do pensamento bakhtiniano sobre textos literários: o romance especificamente. Para Bakhtin (1997) o romance é um sinalizador das suposições mais entranhadas de uma sociedade sobre a natureza do espaço e do tempo, pois ele, em oposição a outros gêneros literários e não-literários, tem consciência da relatividade de seus próprios preconceitos arquitetônicos. Não há “linguagem do romance”, porque ele pode assimilar todas as linguagens.

A teoria bakhtiniana parte da asserção de que a realidade da linguagem é o fenômeno social da interação verbal. A linguagem verbal não é vista apenas como sistema formal, mas como atividade, como um conjunto de práticas socioculturais.

A partir desses pressupostos, em Bakhtin (1997) a interação verbal é fundamentalmente uma filosofia da linguagem. É uma “translingüística”, que constitui um foco que possibilita enxergar todas as categorias radicadas na linguagem. Essas considerações fazem do romance o meio preferido por Bakhtin para a dramatização de suas idéias sobre a linguagem, a teoria social e a história da percepção, pois para esse autor russo toda as peculiaridades da vida humana estão permeadas pela linguagem. Para Bakhtin “o romance é o grande livro da vida” (CLARK, 1998, p. 310).

Analizamos *Os subterrâneos* como um “livro da vida” que fala da história por meio de uma relação dialogizada. Os sujeitos que se relacionam dialogicamente não são entes autônomos e pré-sociais, mas indivíduos socialmente organizados. Isso significa dizer que os sujeitos são marcados por profunda heterogeneidade.

Seguindo a teoria bakhtiniana, as falas articuladas pelas personagens que compõem a trilogia *Os subterrâneos*, formam um plurilinguismo (ou heteroglossia) – são discursos de todos os segmentos sociais; universos sociais em comunicação e conflito. Encontram-se na obra vozes do comunismo mediadas por líderes das células entre os operários e simpatizantes do comunismo, que é uma demonstração de como essas vozes vão sendo absorvidas por aqueles que lutam contra o Estado Novo. Ao mesmo tempo, existem vozes que partem das elites carioca e paulista que se contrapõem às vozes comunistas, num verdadeiro jogo de diferentes “verdades sociais”.

Porém, mesmo reconhecendo os jogos do poder, Bakhtin (1997) não estabelece em nenhum momento uma vinculação estreita entre vozes sociais e classes sociais. Para o crítico russo, o que há é uma “luta social” entre as diferentes “verdades sociais”, mas não uma correlação estreita entre essas lutas e a chamada luta de classes” (FARACO, 2003, p. 68, grifo do autor). O processo dialógico é concebido como infindo, inesgotável. *As forças centrífugas*² corroem continuamente todos os esforços de centralização discursiva. Assim, na lógica de Bakhtin, não há (nem nunca haverá) um ponto de “síntese dialética”, de “superação definitiva das contradições”.

Jorge Amado elabora em *Os subterrâneos* um discurso onde as “verdades sociais” podem ser vistas a cada momento. A dialogização das personagens na obra se apresenta como um mundo de vozes sociais em múltiplas relações dialógicas – relações de aceitação e recusa, de convergência e divergência, de harmonia e de conflitos, de intersecções e hibridizações.

O diálogo seguinte entre um jornalista (vago simpatizante comunista) e Hermes Resende (historiador), este representante da elite paulista, mostra o jogo de poder da luta social entre as diferentes “verdades sociais” na visão anticomunista:

² Para Bakhtin, o diálogo no sentido amplo do termo (“o simpósio universal”), deve ser entendido como um vasto espaço de luta entre as vozes sociais, no qual atuam *forças centrípetas* (aquelas que buscam impor uma certa centralização verboaxiológica por sobre o plurilinguismo real) e *forças centrífugas* (aquelas que corroem continuamente as tendências centralizadoras, por meio de vários processos dialógicos tais como a paródia e o riso de qualquer natureza, a ironia, a polêmica explícita ou velada, a hibridização ou a reavaliação, a sobreposição de vozes etc.) (FARACO, 2003, p. 67-68).

[...] Uma tarde, quando Venâncio Florival não estava com ele, o jornalista chamou a atenção de Hermes Resende para aquela impressionante realidade:

- Eles vegetam... Que diferença faz dos tempos da escravidão? Ao lado da fartura e do luxo da casa-grande está o contraste mais chocante: a miséria dos colonos...

E contava como um dos meeiros lhe dissera, respondendo a uma sua pergunta: essas matas e os bichos e mesmo a gente, tudo pertence a seu coronel Florival...

O historiador explicava:

- Eles são felizes, mesmo nessas condições Miseráveis.

- Felizes? – espantava-se o jornalista.

- Sim, meu caro. Eles não sabem que são miseráveis. A consciência, o conhecimento da miséria é que traz a infelicidade. É o que acontece com os operários. Eles são infelizes porque a agitação revolucionária lhes dá o conhecimento da exploração em que vivem. Sem isso, estariam conformados e, por consequência, felizes. É o que acontece com os trabalhadores rurais. Estão perfeitamente conformados, não almejam nada melhor, são os únicos seres felizes desse país... Invejáveis na sua miséria ... É como um marido enganado pela esposa: ele só começa a ser infeliz quando toma conhecimento da traição. Não é mesmo?

- Onde se conclui que o melhor é deixar como está...

- E que fazer? Reforma agrária, dar-lhes terras? É transformar esses seres simples e sem problemas em homens ambiciosos e cheios de problemas. O pedaço de terra que cada um deles recebesse não traria felicidade. Continuariam miseráveis e teriam perdido a inocência...

- O jornalista coçou a cabeça:

- É ... Pode ser... (AMADO, 2001, v. 2, p. 27-28).

Agora, esse jogo de poder das relações dialógicas, na visão comunista:

[...] Claudionor contava: *Num lugar longe, chamado Rússia, fizeram assim: tomaram as terras, dividiram elas pelos pobres. A gente deve fazer o mesmo.*

Um dia alguns tinham se reunido, depois da primeira passagem de José Gonçalo pelas fazendas, e foram reclamar de Venâncio Florival contratos escritos para os colonos. Parecera um fim do mundo: o fazendeiro, ainda Senador naquele tempo, perdera a cabeça. Mandara espancar Honório, um negro já quase morto de impaludismo, fora o pobre que expusera, o assunto. Fizera-os correr das imediações da casa-grande, ameaçou-os com a polícia, o chicote, jamais o tinham visto tão enraivecido.

[...] Foi assim como começaram a pensar que bem podiam ser os donos das terras onde trabalhavam, e se convenceram da injustiça das suas vidas. O arraial de Tatuau se encheu de um novo interesse e trabalhadores meeiros passaram agora a esperar a feira dos domingos numa redobrada impaciência: ali podiam discutir uns com os outros sobre aquelas idéias a cada dia mais espalhadas pelo jovem Nestor e pelo mulato Claudionor. Até mesmo, nos últimos tempos, papéis impressos haviam aparecido: uns quantos volantes,

mandados de São Paulo para Gonçalo, explicando o problema da reforma agrária, da necessidade dos camponeses lutarem pela posse da terra. Balançavam a cabeça numa lenta aprovação, só alguns mais velhos e já com os pés na cova achavam ser tudo aquilo invenções do demônio para tentar os homens (AMADO, 2001, v. 2, p. 32-33, grifos do autor).

Ambos os diálogos referem-se às questões do latifúndio e da Reforma Agrária. Essa inserção do latifúndio e da Reforma Agrária foi canalizada por Jorge Amado na intenção de mostrar que o comunismo, as agitações revolucionárias, não poderiam se concentrar apenas entre os operários, aglutinados nos grandes centros urbanos, como em São Paulo e Rio de Janeiro, mas também no mundo rural, entre os sertanistas. Daí, a obra ser marcada por conflituosas passagens no campo, mais precisamente no Vale do Rio Salgado, em Cuiabá.

As relações dialógicas ora apresentadas, mostram o jogo de poder das diferentes “verdades sociais”, como pensa Bakhtin. Como a realidade lingüístico-social é heterogênea, nenhum sujeito absorve uma só voz social, mas sempre muitas vozes. Desta forma, o sujeito não pode ser visto como um ser verbalmente uno, “mas como um agitado balaio de vozes sociais e seus inúmeros encontros e entrechoques” (FARACO, 2003, p. 81). Isso fica claro quando Hermes Resende tenta convencer o jornalista que o melhor para os sertanistas é ficarem ignorantes quanto às suas misérias; só assim poderiam ser felizes. Por outro lado, aparece a voz do comunismo, anunciando uma vida digna, sem a miséria em que viviam os sertanejos, chamando-os para a luta revolucionária contra o latifúndio.

O autor de *Os subterrâneos* proclama preferencialmente as ruas para elaboração das relações dialógicas; é nas feiras, no cais do porto, nas avenidas de São Paulo, nos cafés, que Jorge Amado estabelece a luta social entre as diferentes “verdades sociais”.

Para Bakhtin, o interior do sujeito:

[...] é uma arena povoada de vozes sociais em suas múltiplas relações de consonâncias e dissonâncias; e em permanente movimento, já que a interação socioideológica é um contínuo devir. Nesse processo de construção socioideológica do sujeito, as vozes funcionarão de diferentes modos. Algumas entrarão como “vozes de autoridade e outras como vozes internamente persuasivas”³. O embate e as interrelações dialógicas dessas duas categorias do

³ A palavra de autoridade, em seus variados tipos, é aquela que nos interpela, nos cobra reconhecimento e adesão incondicional. Trata-se de uma palavra que se apresenta como uma massa compacta, encapsulada, centrípeta, impermeável, resistente a bivocalizações. Já a palavra que se apresenta como internamente persuasiva é aquela que aparece como uma entre outras muitas. Transita, portanto, nas fronteiras é centrífuga, é permeável, às bivocalizações e hibridizações, abre-se continuamente para as mudanças (FARACO, 2003, p. 81).

discurso (em seus diferentes tipos e graus) são determinantes da história da consciência ideológica individual. Quanto mais vozes forem funcionalmente de autoridade para o sujeito, mais monológica (ptolomaica) será sua consciência; quanto mais internamente persuasivas as vozes mais galileana será sua consciência (FARACO, 2003, p. 81).

Nesse sentido, a relação dialógica nos termos bakhtinianos pode ser observada em personagens como: Ruivo, Orestes, João, Zé Pedro, Mariana, José Gonçalo, Apolinário, Doroteu, Nestor, Claudionor, dentre outros, em *Os subterrâneos* representam as “verdades sociais” do ponto de vista comunista.

Em contrapartida, personagens como: Deputado Artur Carneiro Macedo da Rocha, Paulo, Costa Vale, Shopel, Senador Venâncio Florival, Comendadora da Torre, Saquila, Hermes Rezende, e outros, em *Os subterrâneos* representam as “verdades sociais” do ponto de vista capitalista.

Em Bakhtin (1997), as relações dialógicas não indicam apenas as consonâncias, mas também as multissonâncias e dissonâncias. Delas pode resultar tanto a convergência, o acordo, a adesão, o mútuo complemento, a fusão, quanto a divergência, o desacordo, o embate, o questionamento, a recusa. A teoria de Bakhtin se apóia no conceito de discurso, concepção dinâmica da linguagem que é sensível ao fato de que nenhuma palavra tem sentido por si própria, sem referência a uma situação não somente lingüística, mas histórica e cultural. Se ela tiver um sentido, jamais será um sentido único, mas uma pluralidade de significações tão numerosas quanto todos os contextos possíveis.

Para Bakhtin (1997), a linguagem não é apenas um modo de representação do mundo; é, ao mesmo tempo, o mundo da representação. Cada texto romanesco é sem dúvida um sistema lingüístico. As personagens só existem em função das palavras que podem trocar entre si; cada uma delas é representante de uma ideologia, trazendo ao texto sua própria maneira de julgar a realidade social; o que caracteriza o gênero não é uma certa imagem do homem em si, mas mais precisamente a imagem da linguagem que ele reflete. Portanto, Bakhtin trata o romance como uma linguagem capaz de mostrar uma realidade impregnada de conflitos sociais e ideológicos.

Assim, cremos que Jorge Amado em *Os subterrâneos* cobre o conceito do plurilingüismo dialogizado, à medida que a luta social entre as diferentes “verdades sociais”, vai sendo absorvida pelos personagens e por estes representada, nas muitas situações sócio-ideológicas apresentadas na trilogia.

3 Romance romanesco em *Os subterrâneos da liberdade*

Antes de falar do romance romanesco, nos termos de Bakhtin (1997), e em Clark (1998), talvez valha a pena chamar a atenção para um significativo detalhe: o romance *Os subterrâneos* para muitos críticos literários não é visto como um dos cânones da literatura brasileira. Esse anticanonismo, injustificável sob qualquer motivo, deve-se a vários fatores, um dos quais ligado ao falacioso argumento de que a obra do romancista baiano seria de baixa qualidade estética, o que a tornaria desmerecida de integrar o Olimpo das obras consideradas canônicas. Entretanto, não vislumbrando a qualidade estética da obra, a tomamos como de inegável relevância histórica, pois vimos em *Os subterrâneos* um registro histórico valioso das estratégias comunistas para derrubar o Estado Novo. A obra revela situações históricas que vão do autoritarismo varguista à apologética atuação comunista contra o estadonovismo, em que o jogo dialético das ideologias capitalista e comunista é exacerbadamente notório. Narrada do ponto de vista da história não-oficial, a obra permite que o estudo do comunismo durante o Estado Novo ganhe outros significados. A trilogia dialoga entre si, formando um desdobramento de narrativas muito perto do que Bakhtin chama de “território romanesco”. Isso equivale a dizer que:

O romance romanesco é uma espécie de fora-da-lei epistemológico, um Robin Hood dos textos. Visto estarem os traços fundamentais de qualquer cultura inscritos em seus textos, não só nos literários, mas também nos legais e religiosos, a “romancidade” pode operar de modo a minar a cultura oficial ou alta de qualquer sociedade.

O romance concebido dessa maneira tem uma longa história cuja existência se dá fora dos limites da história literária tradicional (CLARK, 1998, p. 294).

Para Bakhtin (CLARK, 1998), o gênero é uma radiografia de uma visão de mundo a um dado tempo e a uma dada camada social em uma sociedade determinada. Assim, um gênero encarna uma idéia historicamente específica do que significa ser humano. Gêneros comumente menosprezados ou repudiados são elevados ao lugar de honra, e os gêneros anteriormente exaltados são “descoroados”.

O romance *Os subterrâneos* é tido como o “patinho feio” das obras amadianas por ser uma narrativa carregada de fluidez partidária singular de uma literatura tendenciosa e que gerou um certo estigma em torno da obra, acusada de sectária e dogmática por boa parte da crítica brasileira. Por outro lado, pelo seu teor romanesco, a obra adquire outro estatuto literário, pois ela

vai ser na teoria bakhtiniana, um Robin Hood dos textos. Isso por fugir da história literária tradicional.

Entre os vários gêneros, Bakhtin (CLARK,1998) elege o romance como seu herói pessoal. O romance não é, a seus olhos, apenas um outro gênero literário, porém um tipo especial de força, que ele chama de “romancidade”. Gênero que permite tirar da obscuridade romances menosprezados ou repudiados e elevados ao lugar de honra, desconstruindo gêneros antes exaltados.

A partir dessas considerações, é que o “território romanesco” pode ser a chave para o entendimento do romance amadiano em uma dimensão política e histórica de importância capital para melhor compreensão do comunismo no Estado Novo.

A narrativa em *Os subterrâneos* busca construir personagens heróicos, mártires da história. Os líderes comunistas são os representantes legais dos operários, expostos a todo momento ao sadismo dos torturadores, aos horrores das prisões. Os que “caem” são submetidos, primeiramente, à pressão psicológica, ao cansaço, aos dias de fome e sede. Logo em seguida, começam o suplício físico, as unhas arrancadas, o choque elétrico. Situações acompanhadas pelo delegado Barros e pelo cocainômano Dr. Pontes. Figuras cruéis e de intenções monstruosas como mostra a seguinte passagem:

- Vocês são uns miseráveis, mesmo... Uns sujos... Não valem mesmo nada e tudo que se faça com vocês é pouco. Para vocês lar e família não quer dizer nada, não é? A você não importa que sua mulher seja desonrada, possuída à vontade por todo mundo, isso não lhe diz nada... E depois vocês falam que são sujeitos decentes, dignos, que querem o bem da humanidade... Vocês são uns bandidos, não possuem nenhum sentimento humano.

Zé Pedro falou:

- Isso dito por um policial é um elogio. Ouça, de uma vez: de mim você não vai tirar nada, faça o que fizer. E, se me mandou chamar só para isso, mande-me voltar, quanto menos eu o vir, melhor para mim...

Barros deu dois passos para ele, a mão levantada. Mas não descarregou a bofetada, conteve-se, avisou:

- É bom você pensar. Pensar bem. Hoje não vamos ficar no bê-á-bá de ontem. Hoje vamos começar a mostrar a vocês o que guardamos aqui para os comunistas. A vocês todos e a sua mulher também.

Puxou uma baforada de cigarro:

- E não se esqueça que temos o menino conosco...

- O menino? – riu Zé Pedro – Vocês seriam capazes? Assassinos!

- Você não tem idéia do que o Barros é capaz quando fica aborrecido. E eu estou ficando aborrecido...

Zé Pedro sentiu seu coração diminuir como se pesada mão cruel o apertasse. Ao ser preso, pensara que eles respeitassem ao menos a criança. Mas como ter ilusões? Não era a mesma polícia que entregara Olga Benário Prestes, grávida, aos nazistas? Não era a mesma que castrava presos, que cortara a navalha os seios da mulher de Berger, que enlouquecera o dirigente alemão com as torturas mais brutais? (AMADO, 2001, v. 3, p. 28-29).

O romance romanesco pela teoria bakhtiniana serve para que possamos ver em obras como *Os subterrâneos* uma gama de oposição ao sistema capitalista, cuja base histórico-sociológica se funda no sentimento de fatalidade trágica sobre a irreparável desumanidade da sociedade capitalista, que não oferece nenhuma saída, ao menos no plano individual. Nesse sentido, Jorge Amado utiliza-se desse gênero literário para mostrar as contradições políticas durante o Estado Novo, onde ideologias liberais, de extrema direita e de esquerda mediam forças. Evidente que nessa ciranda de ideologias que se contrapunham, Amado vê o comunismo como a única forma de transformação da sociedade. Daí a obra adquirir o estigma de sectária e dogmática.

REFERÊNCIAS

ABREU, Marcelo de Paiva. O Brasil e a economia mundial (1929-1945). In: FAUSTO, Boris (Dir.). **História geral da civilização brasileira: o Brasil Republicano: Economia e cultura (1930-1940)**. 2. ed. São Paulo: Difel, 1986. V. 11, T. 3, V. 4, P. 9-49.

AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. **Os subterrâneos da liberdade**. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2000. v. 1.

_____. Agonia da noite. In: **Os subterrâneos da liberdade**. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2001. v.2.

_____. A luz no túnel. In: **Os subterrâneos da liberdade**. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2001. v. 3.

BAKHTIN, M. (Volochinov V. N). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1997.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

DENIS, Benoît. **Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre**. São Paulo: Edusc, 2001.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado**: romance em tempo de utopia. Rio de Janeiro: Record, 1996.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo**: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.

LUCAS, Fábio Lucas. A contribuição amadiana ao romance social brasileiro. **Cadernos de Literatura Brasileira**, São Paulo, n. 3, p. 98-119, mar. 1997.

SEVCENKO, Nicolau. O exercício intelectual como atitude política: os escritores-cidadãos. In: _____. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na primeira república. São Paulo: Brasiliense, 1999.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 1979.